

Guilherme Santos

**‘Às mulheres de Cuba’ e
‘Para Cuba’, de Victor Hugo**

Resumo:

O presente trabalho consiste na tradução dos pronunciamentos - *Aux femmes de Cuba* (1870) e *À Cuba* (1870), de Victor Hugo, publicados em 1876, na coletânea *Actes et paroles*, antologia que reúne discursos, declarações públicas e pronunciamentos (de 1852 a 1870) do autor. Nos dois textos selecionados, apresentamos a resposta de Victor Hugo a uma carta enviada a ele pelas mulheres de Cuba, a partir de Nova Iorque, durante a insurreição cubana, na qual elas clamavam por seu auxílio; ao que ele responde, seguido de uma reflexão sobre a situação conflituosa da ilha. Parece-nos pertinente retomar as palavras do autor, no momento em que, 140 anos depois, as relações com Cuba e a situação da ilha ainda são frágeis; ano também da morte de seu emblemático líder, Fidel Castro.

Palavras-chave: Victor Hugo; Cuba; exílio; insurreição; século XIX; carta

Résumé

Ce travail-ci propose une traduction de "Aux femmes de Cuba" (1870) et "À Cuba" (1870), de Victor Hugo, publiés en 1876, dans l'anthologie *Actes et paroles*, qui réunit des discours, déclarations publiques et textes divers (de 1852 à 1870) de l'auteur. Dans les deux textes choisis, on présente la réponse de Victor Hugo à une lettre qui lui avait été envoyée par des femmes de Cuba, à partir de New York, lui demandant son appui pendant l'insurrection cubaine. En répondant aux femmes, Hugo fait aussi une réflexion à propos de la situation conflictuelle dans l'île. 140 ans après, en ce moment où les relations du monde avec Cuba et la situation dans l'île continuent d'être fragiles, il nous paraît pertinent de reprendre les mots de l'auteur, tout en tenant compte de la mort récente du leader emblématique de la Révolution Cubaine, Fidel Castro.

Mots-clés : Victor Hugo ; Cuba ; exil ; insurrection ; XIX siècle ; lettre

CUBA

A Europa, onde germinavam-se temerosos acontecimentos, começava a perder de vista as coisas longínquas. Mal se sabia, deste lado do Atlântico, que Cuba estava em plena insurreição. Os governantes espanhóis reprimiam essa revolta com uma brutalidade selvagem. Regiões inteiras foram executados militarmente. As mulheres fugiam. Muitas se refugiaram em Nova Iorque. No início de 1870, uma carta das mulheres de Cuba, disposta de mais de trezentas assinaturas, foi enviada de Nova Iorque a Victor Hugo, para instá-lo a intervir nesta luta. Ele respondeu:

ÀS MULHERES DE CUBA

Mulheres de Cuba, ouço sua queixa. Oh desesperadas, vocês se dirigem a mim. Foragidas, mártires, viúvas, órfãs, vocês pedem socorro a um vencido. Proscritas, vocês se dirigem a um proscrito; aquelas que não têm mais lar chamam em seu socorro aquele que não tem mais pátria. Certamente estamos bastante abatidos; vocês têm somente a sua voz, e eu tenho tão somente a minha; sua voz geme, a minha adverte. Esses dois sopros, aí o soluço, aqui o conselho, eis tudo o que nos resta. Quem somos nós? A fraqueza. Não, nós somos a força. Pois vocês são o direito e eu sou a consciência.

A consciência é a coluna vertebral da alma; enquanto a consciência é íntegra, a alma permanece firme; só tenho em mim esta força; mas ela basta. E vocês estão certas em se dirigirem a mim.

Eu falarei por Cuba como eu falei por Creta.

Nenhuma nação tem o direito de colocar a mão sobre outra, não mais a Espanha sobre Cuba do que a Inglaterra sobre Gibraltar. Um povo não possui outro povo, não mais que um homem não possui outro homem. O crime é mais odioso ainda sobre uma nação do que sobre um indivíduo; aí está tudo. Aumentar o formato da escravatura é acrescentar a indignidade a essa prática. Um povo tirano de outro povo, uma raça

extorquindo a vida de uma outra raça, é a sucção monstruosa do polvo, e essa superposição atroz é um dos fatos terríveis do século dezenove. Nesse momento, vemos a Rússia sobre a Polônia, a Inglaterra sobre a Irlanda, a Áustria sobre a Hungria, a Turquia sobre a Herzegovina e sobre Creta, a Espanha sobre Cuba. Por toda parte, veias abertas e vampiros sobre cadáveres.

Cadáveres, não. Apago a palavra. Eu já disse, as nações sangram, mas não morrem. Cuba tem toda sua vida e a Polônia tem toda sua alma.

A Espanha é uma nobre e admirável nação, e eu a amo; mas não posso amá-la mais que a França. Bem, se a França ainda tivesse o Haiti, da mesma forma que digo à Espanha: Devolvam Cuba! Eu diria à França: Devolva o Haiti.

E falando-lhes assim, provaria à minha pátria minha veneração. O respeito se compõe de conselhos justos. Dizer a verdade é amar.

Mulheres de Cuba, que me dizem tão eloquentemente tantas angústias e tantos sofrimentos, ajoelho-me perante vocês, e beijo seus pés dolorosos. Não duvidem disso, sua pátria perseverante será paga por sua mortificação, tanto sangue não terá sido vertido em vão, e a magnífica Cuba um dia se erguerá livre e soberana entre suas irmãs augustas, as repúblicas da América. Quanto a mim, visto que vocês pedem minha opinião, envio-lhes minha convicção. Nesta hora em que a Europa está coberta de crimes, nesta obscuridade na qual entrevemos sobre cumes, não se sabe quais fantasmas são delitos portadores de coroas, sob o amontoado horrível dos acontecimentos desencorajadores, eu ergo a cabeça e espero. Eu sempre tive como religião a contemplação da esperança. Possuir pela intuição o futuro, isto basta ao vencido. Olhar hoje o que o mundo verá amanhã, é uma alegria. Em um instante marcado, qual seja a negrura do momento presente, a justiça, a verdade e a liberdade surgirão e farão sua entrada esplêndida sobre o horizonte. Agradeço a Deus de conceder-me, desde o presente, essa certeza; a felicidade que resta ao proscrito nas trevas é aquela de ver um levante de aurora no fundo de sua alma.

PARA CUBA

Ao mesmo tempo, os chefes da ilha beligerante pediam a Victor Hugo para proclamar seus direitos. Ele o fez.

Aqueles a quem chamam de insurgidos de Cuba me pedem uma declaração, eila aqui:

Neste conflito entre a Espanha e Cuba, a insurgida é a Espanha.

Da mesma forma que na luta de dezembro de 1851, o insurgido era Bonaparte.

Eu não olho onde está a força, eu olho onde está a justiça.

Mas, diz-se, a mãe pátria. Será que a mãe pátria não tem um direito?

Entendamos.

Ela tem o direito de ser mãe, ela não tem o direito de ser carrasco.

Mas, em civilização, será que não há os povos primogênitos e os povos ultimogênitos? Será que os maiores não têm a tutela dos menores?

Entendamos ainda.

Em civilização, a primogenitura não é um direito, é um dever.

Esse dever, na verdade, dá direitos; entre outros o direito à colonização. As nações selvagens têm direito à civilização, como as crianças têm direito à educação, e as nações civilizadas lhes devem isso. Pagar sua dívida é um dever; é também um direito. Daí, nos tempos antigos, o direito da Índia sobre o Egito, do Egito sobre a Grécia, da Grécia sobre a Itália, da Itália sobre a Gália. Daí, à época atual, o direito da Inglaterra sobre a Ásia, e da França sobre a África; à condição, entretanto, de não fazer civilizar os lobos pelos tigres; à condição que a Inglaterra não tenha Clyde¹ e que a França não tenha Pélissier².

¹ Nota do tradutor: Colin Campbell (1º barão de Clyde, 1792 – 1863) – militar inglês que se envolveu em diversos conflitos coloniais, tornando-se ilustre por reprimir a Rebelião Indiana de 1857.

² N.T.: Aimable Pélissier (duque de Malakoff, 1794 – 1864) – militar francês condecorado marechal de França, foi peça chave na conquista da Argélia, tornando-se em duas ocasiões, seu governador geral.

Descobrir uma ilha não dá o direito de martirizá-la; é a história de Cuba; não é preciso partir de Cristóvão Colombo para chegar a Chacon³.

De pleno direito, a tutela põe fim à maioridade do menor, que o menor seja uma criança ou que ele seja um povo. Toda tutela prolongada para além da menoridade é uma usurpação; a usurpação que se faz aceitar por hábito ou tolerância é um abuso; a usurpação que se impõe pela força é um crime.

Esse crime, por toda parte onde eu o vejo, eu o denuncio.

Cuba é maior.

Cuba pertence apenas a Cuba.

Cuba, nessa hora, sofre uma atroz e inexprimível provação. Ela é perseguida e castigada em suas florestas, em seus vales, em suas montanhas. Ela tem todas as angústias do escravo fugitivo.

Cuba luta, estarecida, suntuosa e sangrenta, contra todas as ferocidades da opressão. Ela vencerá? sim. Esperando, ela sangra e sofre. E, como se a ironia devesse sempre estar misturada às torturas, parece que se entrevê não se sabe qual zombaria nessa sina feroz que, na sucessão de seus diferentes governadores, lhe dá sempre o mesmo carrasco, quase sem dar-se o trabalho de mudar o nome, e que, após Chacon, lhe envia Concha⁴, como um saltimbanco que troca seu traje.

O sangue jorra de Porto-Príncipe à Santiago; o sangue jorra nas montanhas de Cuivre, nos montes Carcacunas, nos montes Guajavos; o sangue envermelha todos os rios, e Canto, e Ay la Chica; Cuba pede socorro.

Esse suplício de Cuba, é à Espanha que eu o denuncio, pois, a Espanha é generosa. Não é o povo espanhol que é culpado, é o governo. O povo da Espanha é magnânimo e bom. Tirem de sua história o padre e o rei, o povo da Espanha fez apenas o bem. Ele colonizou; mas como o Nilo transborda; fecundando.

O dia em que ele for senhor, ele retomará Gibraltar e devolverá Cuba.

³ Não há, de modo geral, consenso entre os pesquisadores da obra hugoana sobre a qual Chacón Víctor Hugo estaria se referindo aqui. Acredita-se que ele poderia estar se remetendo ao obscuro Luis Chacón, que governou Cuba interinamente por 3 vezes entre dezembro de 1702 e fevereiro de 1713 (ou seja, mais de um século antes da escrita da carta), ou ao também Governador colonial de Cuba, Miguel Tacón (1834 – 1838). Para informações complementares sobre a incerteza da referência de Hugo, ver [aqui](#) artigo de Ana María Reyes Sánchez.

⁴ José Gutiérrez de la Concha (1809 – 1895), três vezes Governador colonial de Cuba (1850 – 1852, 1854 – 1859, 1874 – 1875).

Quando se trata de escravos, torna-se maior com o que se perde. Cuba livre acresce a Espanha, pois crescer em glória é engrandecer. O povo espanhol terá essa ambição de ser livre em sua casa e grande fora dela.

VICTOR HUGO
Hauteville-House.

